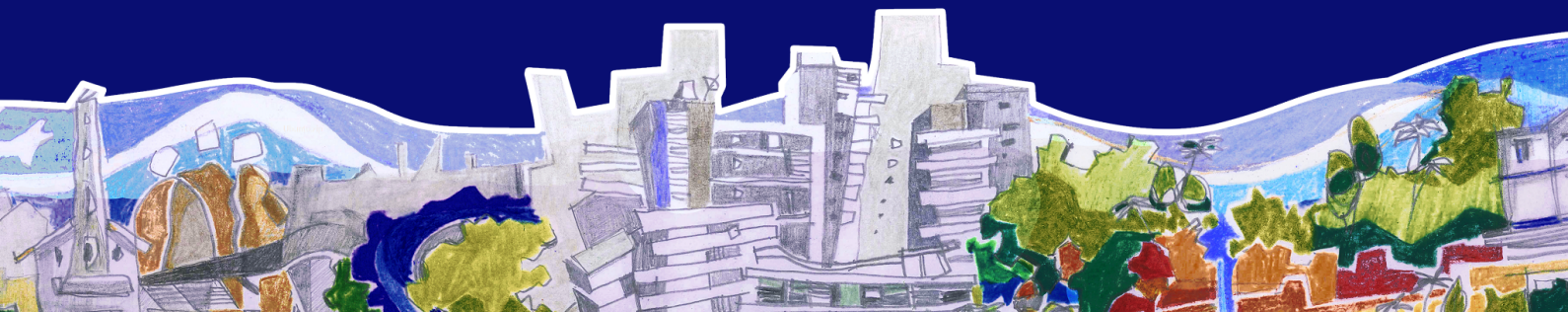


16° ENEPEA
ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE
PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA
E URBANISMO NO BRASIL
2022
14 a 19/11 CUIABÁ-MT

trans.ver.paisagens



COMO PESQUISAR O IMPACTO DO GRAFFITI NA PAISAGEM?

por um caminho para ler a paisagem grafitada no cotidiano

Eixo Temático II: **Paisagens a Descobrir**

HOW TO RESEARCH THE IMPACT OF GRAFFITI ON THE LANDSCAPE?

for a way to read the landscape graffitied in everyday life

SILVEIRA, Paolla Clayr de Arruda.
IF Fluminense, Docente de Arquitetura e Urbanismo
paolla.silveira@iff.edu.br

MARINHO, Aline Maia Forte.
IF Fluminense, Bolsista de Iniciação Científica
marinho.aline@gsuite.iff.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar as primeiras fases das estratégias metodológicas na pesquisa sobre a paisagem urbana grafitada na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Até o momento formulou-se um caminho rumo aos elementos subjetivos no processo de percepção da arte urbana na cidade. A partir de três focos de investigação, foram desenvolvidos processos baseados em materiais e fontes diversas. Inicialmente montou-se a Linha do Tempo do Graffiti na cidade com apoio de documentário desenvolvido por grafiteiros locais. Em seguida, diante da necessidade de segmentar o tecido urbano a ser investigado, foram divididos treze compartimentos da paisagem, com base nos aspectos sócio histórico e cultural, relevantes na história do graffiti nesta cidade, montando o Quadro Resumo-Analítico de Compartimentação da Paisagem. Na fase mais atual, foi desenvolvida a Ficha de Campo para Levantamento Paisagístico Imagético, que busca mapear a arte urbana observando rua por rua dentro dos compartimentos, levando à criação de um banco de dados com as imagens e suas informações mais específicas, de modo a perfilar cada cenário efêmero que a arte de rua estabelece, nas relações territoriais e de pertencimento.

Palavras-chave: graffiti; cidade; metodologia de pesquisa.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the first phases of the methodological strategies in the research on the graffitied urban landscape in the city of Campos dos Goytacazes/RJ. So far, a path towards the subjective elements in the process of perception of urban art in the city has been formulated. From three research focuses, processes were developed based on different materials and sources. Initially, the Graffiti Timeline was set up in the city with support from a documentary developed by local graffiti artists. Then, faced with the need to segment the urban fabric to be investigated, thirteen compartments of the landscape were divided, based on socio-historical and cultural aspects, relevant to the history of graffiti in this city, setting up the Summary-Analytical Table of Landscape Compartmentation. In the most recent phase, the Field Sheet for Imagery Landscape Survey was developed, which seeks to map urban art observing street by street inside the compartments, leading to the creation of a database with the images and their more specific information, in order to profile each ephemeral scenario that street art establishes, in territorial relations and belonging.

Key-words: graffiti; city; research methodology.

1 INTRODUÇÃO

É possível conceber a cidade como um palimpsesto, como Pesavento (2004) bem explana, elas resultam do acúmulo de sucessivos “textos” parcialmente apagados, que guardam sentidos e memórias materiais de diferentes épocas, ou seja, permite várias leituras pelas suas múltiplas camadas sobrepostas, atuando com um terreno a ser cruzado e, por isso, mapeado.

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar as primeiras fases da pesquisa sobre a paisagem urbana grafitada em Campos dos Goytacazes, cidade fluminense no norte do estado do Rio de Janeiro. A sobreposição das camadas que compõem o território traz o desafio para a definição do recorte a ser pesquisado, e para contribuir nesse processo, têm sido formuladas algumas estratégias metodológicas a fim de delinear os elementos subjetivos no processo de percepção da arte urbana na cidade, partindo da reconstrução de sua história artística, entrecruzada com seus fatores sociais, econômicos, culturais, etc.

Dana Arnold (2002) já dizia que a linha da história pode ser uma rota, mas a arquitetura e os ambientes urbanos são complexos e, portanto, querer endireitar a cadeia de fatos somente por este viés pode esclarecer ou obscurecer a leitura desses fenômenos, e é nesse entendimento que está o propósito deste artigo: ousar buscar a singularidade do visível e invisível na transversalidade das camadas, sejam elas materiais ou intangíveis.

Buscando demonstrar parte do andamento do projeto de iniciação científica que é vinculado ao projeto de tese de doutoramento, vale apontar o foco da tese, a fim de que os leitores saibam do caráter embrionário das estratégias metodológicas a serem demonstradas. O foco da tese está em mapear o processo urbanístico e cultural em torno da transformação imagética urbana com a presença do graffiti¹ no município de Campos dos Goytacazes/RJ e analisar as iniciativas do fazer das manifestações artísticas, reconhecendo seus fatores de propagação, sejam estes espontâneos ou governamentais, a fim de buscar na paisagem modificada os elementos subjetivos que compõem a relação das pessoas com esses novos cenários efêmeros que a arte de rua estabelece, nas relações territoriais e de pertencimento.

Nas próximas seções serão apresentadas as estratégias desenvolvidas até o momento e a discussão quanto aos dados pesquisados sobre o recorte em tela, na perspectiva de vê-los como camadas do mesmo lugar, que o concebem como território, possuidor de implicações historiográficas e socioculturais, pois como afirma Orlandi (2008, p. 21), “a cidade é um espaço simbólico com sujeitos vivendo ‘dentro’”.

2 O SUJEITO, A CIDADE E A ARTE URBANA

O espaço sócio-histórico-cultural onde os discursos são produzidos constitui-se como elemento estruturante das cidades, por ser determinante no lugar onde o sujeito é interpelado a significar, na medida em que os sentidos circulam por ela, pois, como afirma Silveira (2017, p. 51), “o sujeito busca

¹ É importante diferenciar graffiti e pichação. Neste artigo o termo graffiti refere-se ao que Celso Gitahy (1999) tem por definição: “Tanto o graffiti como a pichação usam o mesmo suporte - a cidade - e o mesmo material (tintas). Assim como o graffiti, a pichação interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera. (...) Uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra” (p. 19).

significar-se numa cidade atravessada por sentidos/discursos que funcionam em relação a uma história de dizeres que os precedem”.

O estudo de caso voltado para a cidade de Campos dos Goytacazes se fundamenta por seu perfil histórico de âmbito nacional, como seu pioneirismo em ter sido a primeira cidade da América do Sul a receber energia elétrica e ser a maior produtora de açúcar do país, recebendo quatro visitas do imperador D. Pedro II no século XIX, assim como ter seu nome ligado à Bacia de Campos, responsável por cerca de 80% da produção petrolífera do país.

Charadeau (2019, p. 13) afirma que “todo discurso é testemunho das especificidades culturais de cada país”. Na abordagem da análise do discurso, Charadeau (2019) define que existem dois tipos de abordagem da linguagem, que são a atividade de abstração (que se interessa do que nos fala a linguagem) e a atividade de elucidação (que se interessa por como nos fala a linguagem).

Bernardo Secchi (2006, p. 15) aborda essa imensidão de símbolos exercidos e empregados nas cidades como “um imenso depósito de signos conscientemente deixados por quem nos precedeu (...), as diversas gerações o têm escrito, corrigido, apagado e acrescentado”. Para acessá-los, Ferrara (1999, p. 18) defende que somente a prática cultural e a experimentação urbana permitiriam compreendê-los, visto que na “prática cultural que concretiza (...) e se apoia, de um lado, no uso urbano, e de outro na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais da cidade”.

Nesse processo, Sarlo (2014) coloca que a cidade apresenta uma proliferação de signos de naturezas opostas que se associam, competem, se anulam ou entram em conflito. O sujeito busca significar-se numa cidade atravessada por sentidos/discursos que funcionam em relação a uma história de dizeres que os precedem, independentemente de estar em um território com elementos residenciais (como na figura da esquerda, onde as fachadas do Conjunto Habitacional Guadalajara foram tomadas pelo graffiti) ou num lugar de passagem (como na figura da direita, onde o graffiti está aplicado nos pilares do viaduto da região central da cidade).

Figura 1: À esq.: Conjunto Habitacional Guadalajara na Pecuária, em Campos dos Goytacazes, 01/08/2022, durante o processo de revitalização das fachadas. À dir.: Viaduto da Ponte Leonel Brizola no centro de Campos dos Goytacazes, junho de 2022.



Fonte: Acervo de Aline Maia e Google Street View, respectivamente.

É perceptível no cotidiano certa exclusividade à linguagem verbal como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiada, atrelada ao condicionamento histórico, tendo-a como única forma de saber e de interpretação do mundo, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita, relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não verbais, possibilitam.

No entanto, em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais, diversos da linguagem verbal; como desenhos em grutas, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. E, quando se considera a linguagem verbal escrita, essa também não conheceu apenas o modo de codificação alfabética estabelecido no Ocidente a partir dos gregos.

Há outras formas de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas estas que se limitam com o desenho. Em síntese, na concepção de Santaella (2007), há uma linguagem verbal, linguagem de sons que propalam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma representação visual alfabética (linguagem escrita); mas existe concomitantemente uma variedade de outras linguagens que igualmente se constituem em sistemas sócio históricos de representação do mundo.

Eckert (2019, p. 9) afirma que “escrever (ou desenhar) na parede tem outra repercussão, coletiva, chega a uma plateia mais vasta”, então, a cidade é afetada pelas significações individuais no imaginário e no espaço mental, estando subjugado à ilusão de transparência dos sentidos. Essas maneiras de sentir, no entendimento de Haroche (2008), refletem “um estado dado das condições de sensorialidade”, o qual se relaciona tanto ao “modo de existência dos objetos” quanto “às maneiras de perceber” do homem, como se houvesse um processo de “contenção” do ser no mundo, ou seja, numa representação distinta do corpo, instaurando e permitindo a existência do sujeito.

Essa maneira de se relacionar com as pessoas e com as coisas sofre alteração pelos fatores que formam o processo de significação para um sujeito, individualmente em suas próprias conclusões, ou coletivamente, pelas crenças, por exemplo, pelos elementos sociohistóricos e culturais. Nessa perspectiva, graffiti e picho são, muitas vezes, alvos de perseguição e apagamento para uns, e arte para outros. Logo, as linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem.

E esse discurso não é autônomo, mas atravessado por outros discursos, e, portanto, deve-se considerar também o contexto imediato como determinante das condições de produção do discurso arquitetural. Assim, considerando graffiti como arte e provocadora de experiências estéticas, Dewey (2010, p. 117) afirma que: "os inimigos do estético não são o prático nem o intelectual. São a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual".

Para que refletir e sobreviver sejam possíveis na cidade contemporânea, Rapoport vai defender a relação complexidade/velocidade, onde “complexidade” refere-se ao equilíbrio entre caos e monotonia, necessário ao bem estar do ser humano, que instiga sem exceder a capacidade de percepção (RAPOPORT, 1990).

Se a cidade é reconhecida pela sua lateralidade fixa, construída, é, no entanto, sua mobilidade, a sua dinamicidade, que a anima. A cidade é um lugar de troca e encontro de sua gênese, e, segundo Secchi (2006, p. 90-91), “é lugar privilegiado da mescla de pessoas e diversificação de atividades (...), é por natureza, instável, sede de mudanças contínuas”.

Como pontua Pallamin (2015 p. 147), "a arte urbana como prática crítica, ao antepor-se a narrativas pré-montadas, percorre as vias de interrogação sobre a cidade, sobre como esta tem sido socialmente construída, representada e experienciada". Assim, pensar a cidade requer incluir a construção humana, uma intervenção ou arte temporal e espacial delimitada, que indiscutivelmente implica no não urbano. A leitura perceptiva do ambiente somente pode ser levada a efeito através de signos engendrados na mente, pela percepção e legibilidade ambiental.

3 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS

Como afirmou Bonta (1978), nenhuma obra fala por si, e, quando está separada de pautas culturalmente estabelecidas, se impõe a necessidade de um trabalho coletivo de clarificação, faz-se necessário verbalizar o significado, e, para tanto, torna-se mister reunir os conceitos-chave num mesmo processo a fim de realizar a busca pelos fatores invisíveis que compõem uma determinada paisagem urbana, ao entender que há atuação conjunta desses elementos na cidade. Nesse sentido, foram definidos focos de investigação e, para cada foco, os meios de coleta de dados e informações, como fontes e documentos de pesquisa, além da definição quanto aos dispositivos e ferramentas estratégicas para leitura e análise desses dados e seus resultados, quando entrecruzados, organizados pelo seguinte quadro:

Quadro 1: Organização dos focos de pesquisa e estratégias metodológicas

Foco da investigação	Fontes e documentos	Dispositivos e ferramentas
Construção da Linha do Tempo do Graffiti em Campos dos Goytacazes	Documentários realizados pelos próprios grafiteiros e produtores culturais locais sob financiamento da Secretaria Estadual de Cultura	Arte digital de linha do tempo com Illustrator
Definição e caracterização dos Compartimentos de Paisagem	Imagens de satélite do Google Earth e mapas de condicionantes territoriais de pesquisas existentes entrecruzadas com a Linha do Tempo	Cartografia com base no mapa geral da cidade
Construção e coleta da Ficha de Campo para mapeamento imagético	Ficha de Campo do projeto de pesquisa Vazios Concretos da USP e livros especializados em graffiti/arte urbana	Plataforma JotForm

Fonte: Autoria própria (2022)

Ao propor a composição do processo de pesquisa, ficam claras as tomadas de decisão ao longo do texto, sempre com a intenção de fazer um alinhamento entre os focos de investigação e seus pontos de confluência. Todo este processo de pesquisa ainda tem sido realizado de forma remota, através de ferramentas digitais, relevantes para explorar as ferramentas de pesquisa possíveis e disponíveis nesse primeiro momento, porém já estão sendo organizadas as visitas presenciais in situ.

A necessidade de remontar a estrutura histórica do graffiti em Campos dos Goytacazes contribuiu para perceber e reconhecer alguns detalhes do fazer artístico, desde sua origem no xarpi² e sua mudança para o graffiti, assim como notar os fatores de incentivo para a maior disseminação da arte na rotina campista.

² Conforme explica João Marcelo em seu livro Xarpi (2017), a palavra "xarpi" é "pixar" escrita ao contrário, e faz parte do vocábulo em código criado nas ruas.

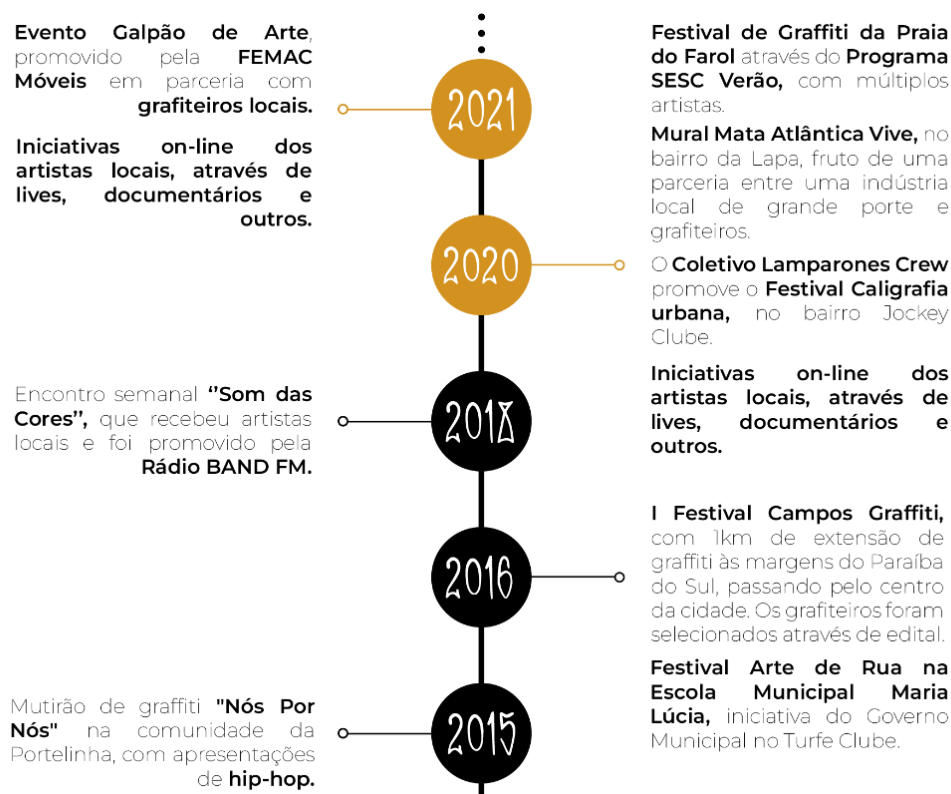
Para composição da linha histórica do graffiti na cidade, foi possível decupar o Documentário “Linha do Tempo do Graffiti em Campos dos Goytacazes - Parte 1 e 2”, produzido pelo IDE! Studio Criativo em 2021. Conforme a própria produção afirma, o documentário tem o objetivo de “apresentar o graffiti campista em seu contexto histórico e sua origem no cenário de Campos dos Goytacazes (...) além de contar com depoimentos dos grafiteiros do município, (...) uma vez que registra todas as fases e artistas locais inseridos na arte urbana de Campos dos Goytacazes até o ano de 2020”.

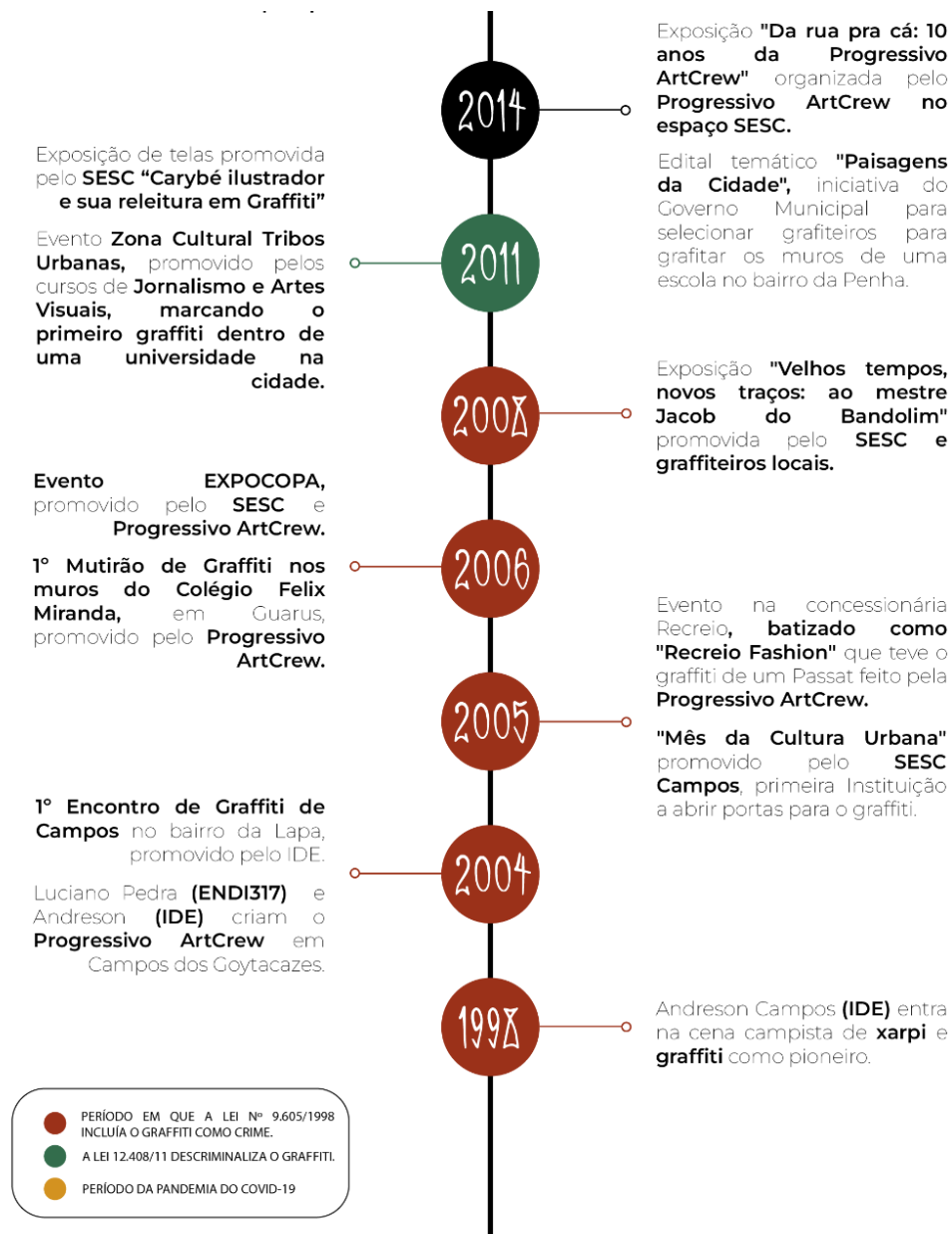
O documentário foi possível através da submissão e aceite pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC) do Governo do Estado do Rio de Janeiro enquanto projeto cultural contemplado no edital #RetomadaCulturalRJ pela Lei Aldir Blanc. Diante desse material, foi possível então estruturar em forma gráfica as falas dos artistas e os acontecimentos, de modo a revelar detalhes, minúcias e curiosidades por vezes fora do conhecimento rotineiro.

Desenvolvida pela bolsista de iniciação científica, Aline Maia, após decupagem de conteúdo pela Profa. Paolla Clayr, tem-se o resultado que pode ser visto na Figura 1. Optou-se pela apresentação das informações temporais de maneira verticalizada por compor 23 anos de fatos históricos com suas descrições, ainda que breves.

Devendo ser lida da parte de cima para baixo, pode-se notar o uso de 3 cores distintas que representam momentos diferentes na legislação brasileira, e que devem ser entrecruzadas ao enxergar a linha: 1) o graffiti era considerado crime pela Lei 9605/98; 2) a Lei 12408 descriminaliza o graffiti em 2011; e 3) o início da pandemia de Covid-19 em 2020 e sua duração ainda em 2021, que exigiu o afastamento social e reconfigurou os modos de viver e usar a cidade.

Figura 2: Linha do Tempo do Graffiti em Campos dos Goytacazes/RJ, entre 1998 a 2021..





Fonte: Aline Maia, com base nos documentários. (2022)

Após essa decupagem espaço-temporal da linha do graffiti, foi possível e interessante determinar alguns compartimentos da paisagem para que fosse dada uma ênfase mais minuciosa sobre a malha urbana da cidade. A questão partiu do seguinte: como definir quais espaços serão investigados quando se fala no graffiti em Campos? Qual será o lugar a ser observado que seja capaz de representar um entendimento da arte urbana na cidade? Seria possível que um lugar apenas reúna todas as características da paisagem grafitada?

Assim, diante de tantos questionamentos, optou-se por setorizar o tecido urbano em compartimentos, conceito abordado em Silva, Manetti e Tângari (2013), como uma metodologia que trabalha com escalas da paisagem, sendo então, cada compartimento uma maneira de escalar a cidade em uma proporção que seja possível ser analisada conforme suas características, de modo a buscar mais precisão na relação entre escala espacial e questões específicas, gerando o seguinte mapeamento:

Figura 3: Mapeamento dos compartimentos definidos sobre o tecido urbano de Campos dos Goytacazes.



(Fonte: Aline Maia, 2022)

O Quadro 2 propõe organizar e justificar as características existentes para categorização dos treze compartimentos adotados até o momento (Figura 3), para análise em busca de responder os questionamentos apresentados anteriormente, mostrando as características, potencialidades e entraves locais.

Quadro 2: Quadro resumo-analítico dos compartimentos

Compartimento	Características	Potencialidades	Entraves
C01 - Guarus	Maior distrito da cidade de Campos, fazendo limite com a sede. Seu território é cortado	Grande diversidade tipológica comercial; unidades escolares com	Ocupações clandestinas e/ou irregulares; presença

	pela BR-101 e pela antiga linha férrea. Com elevado índice de pobreza e violência, foi berço de uma das manifestações do graffiti em sua fase inicial.	projetos de aproximação com a comunidade; configuração homogênea da topografia permitindo clareza visual.	de barricadas para difícil acesso em algumas comunidades; conflitos urbanos.
C02 - Linha Férrea	A ocupação do entorno tem paisagem consolidada, resguardando remanescentes da primeira fase de ocupação industrial. A paisagem dominante é marcada pelos fundos de edificações, a existência da Comunidade da Linha e o estreitamento de faixas são marcantes.	Presença de conjuntos históricos relacionados à cidade, permitindo variações de uso e composição de projetos; por ser isolado do tecido, possui muitas manifestações de pixo e graffiti.	Ocupações clandestinas; Definição das barreiras marcadas pelo cercamento e formas de isolamento da linha; Degradação do patrimônio fundiário da ferrovia; ausência de integração com o plano de mobilidade.
C03 - Beira Rio	Avenida de importância histórica e de escoamento na mobilidade urbana, foi o primeiro lugar a receber uma iniciativa governamental para divulgação do graffiti na cidade, através do I Festival de Graffiti de Campos, em 2017.	Presença de conjuntos históricos relacionados à cidade, permitindo variações de usos; Margeado pelo Rio Paraíba do Sul, contém a transposição de pedestres e veículos; trecho linear com topografia homogênea, facilitando a visualização espacial.	Situação de abandono de alguns prédios, existência de construções de grande impacto morfológico, como Fórum, Presídio, Hospital, Universidade e outros, como comércios específicos.
C04 - Parque Tamandaré	Considerado bairro nobre, possui um dos m ² mais caros da cidade além da maior concentração de renda e verticalização, tanto residencial como comercial, promovendo um grande adensamento urbano.	Presença de trechos mais tranquilos para caminhada e contemplação; presença de trechos mais movimentados à noite, devido a existência de bares, com outra atmosfera espacial.	Apesar da topografia plana, a verticalização impede a visualização do horizonte; trânsito pouco fluido em horários de pico; edificações muradas que blindam as ruas.
C05 - Beira Valão	Avenida de importância histórica e de escoamento na mobilidade urbana, foi e vem sendo palco de manifestações de graffiti espontâneos, principalmente no trecho com o viaduto Leonel Brizola.	Presença de conjuntos históricos relacionados à cidade, permitindo variações de usos; estruturado pelo Canal Campos-Macaé, contém a transposição de pedestres e veículos; trecho linear com topografia homogênea, facilitando a visualização espacial.	Situação de abandono de alguns prédios, existência de construções de grande impacto morfológico, como Rodoviária, Mercado Municipal, Camelódromo, Hospital, além de outros comércios; Valão a céu aberto.
C06 - Centro	Bairro onde nasceu a cidade de Campos, marcado por muitas camadas históricas. Zona de	Presença de conjuntos históricos e potenciais para novos usos e	Esvaziamento de potencial imobiliário; elevado número de

	conflitos pela cidade.	negócios; Multiplicidade de usos; diversidade cultural; frequentado por diversos públicos.	pessoas em situação de rua; ausência de atividades noturnas.
C07 - Rodoviária	Ponto de concentração de pessoas e fluxos, possui influência na história da cidade.	Existência de prédios históricos na região, com potencial de uso; multiplicidade de usos; predominantemente comercial com alguns pontos de adensamento populacional residencial.	Situação de abandono de alguns prédios; existência de construções de grande impacto morfológico, como Rodoviária, Hospitais e Shopping.
C08 - Av. 28 de Março	Via antigamente usada pelos bondes, é um eixo antigo na malha urbana, se caracterizando como um eixo de comércio e serviço atravessando a cidade inteira, de leste a oeste. Corta bairros residenciais em todo o seu prolongamento.	Por ser uma via antiga, é altamente impactada por imóveis históricos e impregnação de arte urbana, fazendo com que os grafittis existentes se destaquem na paisagem; percurso linear facilmente transitável e com boa visualização espacial, devido a topografia homogênea.	Possui imóveis em especulação imobiliária; concentra alto índice de acidentes de trânsito, entre pedestres, veículos e bicicletas; trânsito com pouca fluidez em horários de pico; presença de construções de grande impacto morfológico, como universidades, flats, mercados, postos de gasolina, etc.
C09 - Lapa	Seu território faz margem com o Rio Paraíba do Sul, que já foi um dos importantes eixos de escoamento da produção. Aparece no imaginário local junto a algumas lendas e folclore. Foi também berço de uma das primeiras manifestações do graffiti em sua fase inicial, atuando até recentemente como local de formação de novos grafiteiros.	Predominantemente residencial, conta com organizações que possuem projetos de aproximação com a comunidade.	Ocupações clandestinas e/ou irregulares; presença de barricadas para difícil acesso em algumas comunidades; conflitos urbanos.
C10 - UENF	Seu território faz margem com o Rio Paraíba do Sul e teve seu desenvolvimento do entorno urbano atrelado à implantação da universidade estadual requisitada por motivação popular, possui uma dualidade entre índices de riqueza e pobreza entre os moradores nessa região da cidade, entre condomínios de luxo e	Predominantemente residencial, conta também com comércios locais na avenida principal; a Universidade possui projetos de aproximação com a comunidade; o acesso ao campus é livre para qualquer interessado.	Ocupações clandestinas e/ou irregulares; presença de barricadas para difícil acesso em algumas comunidades; conflitos urbanos.

	comunidades/favelas.		
C11 - Jockey Clube	Seu território faz margem com a BR-356 e pela Av. 28 de Março, importantes eixos de comércio e serviço. Foi berço de uma das primeiras manifestações do graffiti em sua fase inicial.	Grande diversidade tipológica comercial; unidades escolares com projetos de aproximação com a comunidade; configuração homogênea da topografia permitindo clareza visual.	Ocupações clandestinas e/ou irregulares; presença de barricadas para difícil acesso em algumas comunidades; conflitos urbanos.
C12 - Penha	Entre os bairros mais populosos da cidade, seu território faz margem com a RJ-216 e pela Av. 28 de Março, importantes eixos de comércio e serviço. Foi berço de uma das primeiras manifestações do graffiti em sua fase inicial.	Grande diversidade tipológica comercial; unidades escolares com projetos de aproximação com a comunidade; configuração homogênea da topografia permitindo clareza visual.	Ocupações clandestinas e/ou irregulares; presença de barricadas para difícil acesso em algumas comunidades; conflitos urbanos.
C13 - Av. Arthur Bernardes	Via inaugurada por trechos entre 2011 e 2014, é relativamente recente na malha urbana, se caracterizando como um eixo de comércio e serviço com a função de desafogar o trânsito da Av. 28 de Março. Corta bairros residenciais em todo o seu prolongamento.	Por ser uma via recente, existem superfícies ainda sem impregnação de arte, fazendo com que os graffiti existentes se destaquem na paisagem; percurso linear facilmente transitável e com boa visualização espacial.	Glebas com função de especulação imobiliária e para loteamentos com fins residenciais; atravessado pelo Canal Campos-Macaé em trecho de esgoto a céu aberto.

Fonte: Autoria própria (2022)

Partindo da caracterização dos compartimentos da paisagem, neste contexto, as explorações realizadas têm se concentrado em levantar cenas da paisagem através do Street View em busca dos cenários em que apareçam elementos da arte urbana.

Para tal, além de um levantamento paisagístico imagético, foi elaborada uma ficha de campo a ser preenchida digitalmente dentro da plataforma JotForm, uma maneira versátil que permite a criação de um banco de dados das imagens captadas (pelo Street View, se remoto, ou câmera fotográfica, se presencial), além de gerar relatórios e gráficos do levantamento como um todo ou por compartimento, se necessário. A Ficha de Campo pode ser vista na Figura 2.

Figura 4: Ficha de Campo utilizada no levantamento paisagístico imagético.

ARTE URBANA NA PAISAGEM: O GRAFFITI COMO CENÁRIO DO COTIDIANO
Projeto de Iniciação Científica - Orientadora: Paola Clayr

1. Nome da pesquisadora *

- ☐ Paola Clayr
☐ Aline Marinho

2. Tipo de vistoria *

- ☐ Remoto
☐ Presencial (a pé / carro)
☐ Ambas

3. Ano de atualização da fotografia nesse endereço *

- ☐ 2015 ☐ 2016
☐ 2017 ☐ 2018
☐ 2019 ☐ 2020
☐ 2021 ☐ 2022
☐ Anterior a 2015

4. Selecione o compartimento da paisagem analisado *

Please Select ▼

Selecione o compartimento da paisagem em que está trabalhando

9. Tipologia funcional da superfície *

- ☐ Comercial
☐ Residencial
☐ Industrial
☐ Uso misto
☐ Institucional público
☐ Institucional privado
☐ Não edificado (somente muro ou tapume)
☐ Outras superfícies (pilares, poste, telefone público, placa, banco, etc)

10. Situação de funcionamento da base *

- ☐ Sem uso / sem funcionar ☐ Parcialmente em uso
☐ Totalmente em uso / funcionando

11. Estado geral do estado de conservação da paisagem *



1 estrela = péssimo, com reparos bem graves / 5 estrelas = excelente, com reparos muito simples, quase não notáveis.

12. Gabarito médio entre as edificações do entorno da paisagem *

- ☐ Baixo (até 2 pvtos) ☐ Médio (entre 3 e 5 pvtos)
☐ Alto (entre 6 e 9 pvtos) ☐ Muito alto (acima de 10 pvtos)

5. Suporte da Paisagem *

- ☐ Base (superfície qualquer que não se enquadra como edificado)
☐ Edificação (superfície edificada ou que pertença a uma edificação)

6. Assinale os elementos que aparecem nessa paisagem *

- ☐ Letreiro
☐ Graffiti/Grafite
☐ Pichação
☐ Pixação/Xarpi
☐ Grapixo
☐ Bomb
☐ Estêncil
☐ Sticker
☐ Miscelânea
☐ Pós-graffiti

7. Envie a imagem da paisagem *

Pesquisar Arquivos
Drag and drop files here

8. Endereço da imagem *

Rua, número e ponto de referência

Bairro

13. Condições visuais da limpeza urbana na paisagem *



1 estrela = péssimo / 5 estrelas = excelente >>> Levar em consideração a existência ou não das condições adequadas de varrição, capina, roçamento, coleta de resíduos sólidos, situação de acondicionamento de lixo, etc.

14. Condições do passeio no entorno imediato *



1 estrela = péssimo / 5 estrelas = excelente >>> Analisar acessibilidade, condições do piso, manutenção, limpeza, segurança, sinalização adequada, desnível, etc.

Observações gerais

Digite aqui...

Enviar

Powered by Jotform

Fonte: Autoria própria (2022)

Além de identificar o pesquisador responsável pelo preenchimento da Ficha de Campo, também é interessante registrar como se deu a vistoria e o ano da imagem, assim como o compartimento.

Essas informações combinadas poderão permitir que a equipe de pesquisadores identifique quais endereços necessitarão de visitas presenciais, já que o Street View não cobre o território com atualização frequente, e em termos de arte urbana, a paisagem é efêmera, logo, esse registro temporal é de extrema relevância.

Outras informações colhidas referem-se ao suporte em que determinada manifestação acontece, e aqui separam em base ou edificação. No suporte “base” são classificadas as superfícies que não se enquadram como edificadas, por exemplo: placas de trânsito, tapumes, postes, lixeiras, etc. O

suporte “edificação” abrange as superfícies edificadas ou que pertencem a uma edificação, como muros, guarda-corpos, paredes, fachada, etc.

A seguir, a paisagem registrada deve ter a manifestação artística categorizada conforme sua expressão, entre letreiro, graffiti/grafite, grapiço, bomb, estêncil, sticker, miscelânea e pós-graffiti. Essas categorias foram embasadas na pesquisa de Lassala (2017), enquanto professor e artista de arte de rua. Cabe salientar que há diferença entre essas expressões, não sendo correto ou adequado enquadrar tudo como “graffiti” ou pixação.

Para além disso, também são identificados os usos que possuem (ou possuíam) as superfícies cadastradas, entre comercial, residencial, etc. , ainda que em situação de abandono. Soma-se a esse dado, a situação de uso, não uso ou parcialmente em uso, além do estado de conservação e gabarito. De modo a ter uma leitura mais precisa ao cruzar a manifestação artística e a morfologia urbana, também são colhidas informações sobre as condições da limpeza urbana naquela imagem cadastrada, assim como do passeio no entorno.

A proposta após essas coletas é, então, visualizar os cenários paisagísticos dentro dos compartimentos, traçando um paralelo entre o tipo de arte e as superfícies em que aparecem com as condições espaciais da cidade, a fim de descobrir como e se esses fatores se relacionam. A partir deste ponto, será possível identificar quais compartimentos melhor condicionam as pesquisas sobre o impacto do graffiti no cotidiano da cidade, de modo mais aprofundado e mais aproximado dos sujeitos, mais participante e minucioso quanto aos elementos subjetivos que conformam a percepção da arte diante da velocidade urbana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Lucrécia Ferrara (1986), não há método fixado ou predeterminado para ler a cidade, não sendo método o conceito mais adequado, e sim procedimentos metodológicos, ou seja, “há necessidade de estabelecer esses mecanismos, porém sua operacionalização depende da natureza e da dinâmica de cada objeto lido”.

Ao se tratar de método possível para leitura de espaços não-verbais, como a cidade, deve-se salientar três aspectos: 1) Estabelecimento de um modo de ler: que se completa e se refaz a cada leitura; 2) O observado no objeto lido é resultado de uma operação singular entre o que está no objeto e a memória informacional e experiências individuais ou coletivas; e 3) É necessária ousadia nas associações para se flagrar ideias novas, comparações imprevistas, uma hipótese explicativa inusitada. (FERRARA, 1986)

Como o discurso da paisagem grafitada não é autônomo, mas sim, atravessado por outros discursos, deve-se considerar também o contexto imediato como determinante das condições de produção da experiência. Assim, o graffiti enquanto arte, é provocador das sensibilidades e impacta a vida urbana, então, a busca por um caminho metodológico se faz e se refaz, é impregnado de significados e demanda quebrar o ciclo automático das estratégias na pesquisa, já que para ver o subjetivo, é necessário (re)ver, (re)perceber o que se tornou cotidiano. Daí o desafio incessante.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense pelo incentivo à pesquisa através da bolsa de iniciação científica para este projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNOLD, Dana. **Reading Architectural History**. Abingdom: Routledge, 2002.
- BONTA, Juan Pablo. **Sistemas de significación en arquitectura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.
- CHARADEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2019.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ECKERT, Cornelia; CAMPOS, Ricardo; DIÓGENES, Glória; DABUL, Ligia; **Arte e cidade: policromia e polifonia das intervenções urbanas**. In: **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 55, 2019, p. 7–18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/34KHg8PHmDKqms3S3dX6jhk/?lang=pt>. Acesso em nov. 2021.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1986.
- GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HAROCHE, Claudine. **A condição sensível**. Trad. Jacy Seixas e Vera A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.
- IDE! STUDIO CRIATIVO. **Documentário - Linha do tempo do Graffiti em Campos dos Goytacazes - parte 1**. Youtube, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N1BVVsA0Y_0>.
- IDE! STUDIO CRIATIVO. **Documentário - Linha do tempo do Graffiti em Campos dos Goytacazes - parte 2**. Youtube, 07 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L9fj-TJHWcg>>.
- LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**. 2ª ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2017.
- ORLANDI, Eni P. **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Unicamp, 2008.
- PALLAMIN, Vera. **Arte, Cultura e Cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos**. São Paulo: Annablume, 2015.
- RAPOPORT, Amos. **The Perceptual Characteristics of Pedestrian Streets: the general and specific hypotheses**. In: **History and Precedent in Environmental Design**, Plenum Press, New York, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto**. In: **Esboços**, Florianópolis, n. 11, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>>. Acesso em jul. 2022.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. Trad. Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SILVA, Jonathas. MANETTI, Claudio. TÂNGARI, Vera. **Compartimentos e Unidades de Paisagem: método de leitura da paisagem aplicado à Linha férrea**. In: **Paisagem e Ambiente**. 2013, nº 31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/download/78132/82218>. Acesso em jul. 2022.
- SILVEIRA, Paolla C. A. **Cidade transversal: semantização do espaço urbano em Campos dos Goytacazes/RJ**. Dissertação de Mestrado - UENF, Campos dos Goytacazes, 2017.